



DESAPRENDER/DESPENSAR PARA, ENFIM, RE-APRENDER-COM: DO EPISTEMICÍDIO DOS NÃO-MODERNOS ÀS TEORIZAÇÕES DESCOLONIAIS

Pedro Henrique Alves de Medeiros¹; Edgar César Nolasco²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo delinear uma discussão teórica assentada na premissa de que precisamos desaprender/despensar a *episteme* moderna para, enfim, re-aprender-com com as epistemologias do Sul. Nesse ínterim, valeremo-nos de uma teorização *outra*, de cunho descolonial, respaldada pelo que entendemos por crítica biográfica fronteira respaldando-nos, por extensão, nos conceitos de epistemicídio e de não-modernos. Dentre os autores que abalizam esse intento, mencionamos Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses, Walter Mignolo, Ramón Grosfoguel e Silvano Santiago. Por fim, coadunaremos práticas epistêmicas de (auto)reflexidades pós-abissais no ensejo de não só questionarmos aquilo que nos foi ensinado enquanto não-modernos, latinos, *anthropos* e subalternos, mas, para além disso, angariamos colocar em xeque muito do que fomos ensinados sobre como aprender (SANTOS, 2019) e, sobremaneira, como existir a partir do lugar mais obscuro da exterioridade.

Palavras-chave: Perspectiva descolonial. Crítica biográfica fronteira. Epistemicídio. Não-modernos. Silvano Santiago.

UNLEARN/UNTHINK TO, AT LAST, RE-LEARN-WITH: FROM THE EPISTEMICIDE OF NON-MODERNS TO THE DECOLONIAL THEORIZATIONS

Abstract: *This work aims to outline a theoretical discussion based on the premise that we need to unlearn/unthink the modern episteme in order, at last, to re-learn with the epistemologies of the South. In the meantime, we will use another theorization, of a decolonial stamp, supported by what we understand as frontier biographic criticism, supporting, by extension, the concepts of epistemicide and non-moderns. Among the authors that support this aim, we mention Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses, Walter Mignolo, Ramón Grosfoguel and Silvano Santiago. Therefore, we will combine epistemic practices of post-abyssal (self)reflections in the opportunity of not only questioning what we have been taught as non-moderns, latinos, anthropos and subordinates, but, furthermore, we have managed to put in check much of what we were taught how to learn (SANTOS, 2019) and, above all, how to exist from the darkest place of exteriority.*

Keywords: *Decolonial perspective. Frontier biographic criticism. Epistemicide. Non-moderns. Silvano Santiago.*

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS. ORCID ID: 0000-0001-5872-1626.

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor na UFMS. ORCID ID: 0000-0002-8180-585X.

Nisso consistiu o *epistemicídio*, ou seja, a supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena. (MENESES; SANTOS, 2010b, p. 16, grifos nossos).

Avaliar-com pode ser tarefa árdua e cheia de surpresas. Trata-se de um dos contextos cruciais em que se define o que significa ser um *intelectual de retaguarda*. (SANTOS, 2019, p. 226, grifos nossos).

A proposta deste trabalho emerge a partir do plasmar das estruturas e das hierarquias assimétricas de poder responsáveis por deslindarem o epistemicídio afinado nos saberes e, por extensão, nos povos habitantes de *loci* extrínsecos, geoistórico-epistemicamente, aos centros globo-ocidentais de produção dita científica. O colonialismo, ademais às dominações territoriais de “descoberta” e de “desbravamento” do “Novo Mundo”, promoveu uma série de dominações epistemológicas ao criar relações desiguais entre os saberes (MENESES; SANTOS, 2010a) promulgando as insígnias de obscurantismos, inexistências e rechaços às muitas formas de conhecimentos *outros* emergidos das populações colonizadas as quais foram tomadas pela condição de subalternos (MENESES; SANTOS, 2010a), não-pensantes e ignorantes. Para Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses, as interferências da filosofia e da teologia cristã foram tão alentadas que tiraram o crédito de todas e quaisquer práticas que se sobrepusessem aos seus interesses. Segundo os críticos citados:

De facto [sic], sob o pretexto da ‘missão civilizadora’, o projeto da colonização procurou homogeneizar o mundo, *obliterando as diferenças culturais* [e coloniais]. Com isso, desperdiçou-se muita experiência social e reduziu-se a diversidade epistemológica, cultural e política do mundo. Na medida em que sobreviveram, essas experiências e essa diversidade foram submetidas à norma epistemológica dominante: foram definidas (e, muitas vezes, acabaram-se autodefinindo) como saberes locais e contextuais apenas utilizáveis em duas circunstâncias: como matéria-prima para o avanço do conhecimento científico; como instrumentos do governo indireto, inculcando nos povos e práticas dominadas a ilusão credível de serem autogovernados. (MENESES; SANTOS, 2010b, p. 17, grifos nossos).

À vista do fragmento exposto, entrevejo que é no contrapor à obliteração moderna-ocidental das diferenças culturais e coloniais a qual, por vias de sua hegemonia eurocentrada, desperdiçou *experivivências* socioculturais *diversais* e reduziu o arcaibouço epistêmico autorizado e legitimado pela perspectiva de “conhecimento científico” que tanto as epistemologias do Sul, pós-abissais e fronteiriças quanto as minhas/nossas escritas-vivências (Pedro/Silviano) emergem no chancelar crítico de uma

perspectiva *outra* assentada no pensar-com (SANTOS, 2019) e *a partir de*. No delírio (SANTIAGO, 2014) sul-fronteiriço corroborado pela virose colonial (SANTIAGO, 2014), alinhamo-nos no pluriverso ao epistemicídio maciço ocorrido nos últimos cinco séculos (SANTOS, 2010) não apenas no tocante às nossas sobrevivências não-modernas, mas, sobretudo, as de todos aqueles que tiveram seus saberes/pensamentos assassinados (latino-americanos, brasileiros, indígenas, afrodescentes, mulheres etc.) pela hegemonia colonial-imperialista que ainda grassa nos espaços acadêmicos.

De acordo com Santos (2010), a ecologia dos saberes recupera essas experiências recorrendo ao seu prisma pós-abissal mais pulsante e latente de tradução intercultural. Atravessada por culturas não só ocidentais, bem como não-ocidentais e não-modernas, as experiências *outras* embebem-se de linguagens, categorias, cosmologias e universos simbólicos (SANTOS, 2010) *outros* no tanger ao prezar por todas as vidas/saberes e, em essencial, à aspiração de vidas melhores (SANTOS, 2010), mais justas, igualitárias e co-existent. ademais, os exercícios de desobediências civis-epistêmicas arroladas por mim e por Silviano em seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* apregoam, também, a tentativa de recuperação e de reinscrição daquilo que se obscureceu, deslegitimou ou que se perdeu pelos entremeios da razão colonial moderna arraigada no sistema-mundo. Não só “O entre-lugar do discurso latino-americano” (1978) e “A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo” (2014), como, também o romance *Mil rosas roubadas* (2014), todos de autoria do meu mineiro, descortinam esse horizonte *outro* de se escre(vi)ver-com e *a partir de* onde se sobrevive-re-existindo e das sensibilidades que fomentam as produções ensaístico-literárias.

Dessa feita, para a feminista Donna Haraway, citada por Ramón Grosfoguel, os *nossos conhecimentos são, sempre, situados* (HARAWAY *apud* GROSGOQUEL, 2010). Bem como nossas escritas-vivências terceiro-mundistas, homossexuais, latino-americanas, brasileiras, mineiras e sul-fronteiriças rechaçadas pela hegemonia da *episteme* moderna, colonial, imperialista do Ocidente. Dito isso, a possibilidade de descolonização do saber incute trazer à tona os vieses, cosmologias e ópticas (GROSGOQUEL, 2010) dos pensadores do Sul global emergidos à luz de corpos e lugares étnicos, raciais, sexuais e geostóricos subalternizados (GROSGOQUEL, 2010). Em linhas gerais, todo saber é situado, em nível epistêmico, do lado dominante ou subalterno das injunções de poder (GROSGOQUEL, 2010) desvelando sucessivos epistemicídios daqueles que não preenchem as categorizações e os requisitos do que se concebe enquanto “científico”.

Para o crítico porto-riquenho citado, Descartes fundou um momento na História (em maiúsculo) do pensamento moderno ao trocar a figura de Deus pela do Homem ocidental. Ao fazê-lo, o filósofo europeu conclama um *conhecimento não-situado, universal, visto pelos olhos de Deus* (GROSFOGUEL, 2010). Logo, aquilo que estivesse exterior a essa concepção (América Latina e Brasil, por exemplo) não era entrevisto pela óptica sagrada, portanto, não devia ser considerado e/ou não existia para os centros globais. A esse ínterim, o filósofo colombiano Santiago Castro-Gomez conclama de “ponto zero” que, *grosso modo*, seria: “[...] o ponto de vista que se esconde e, escondendo-se, se coloca para lá de qualquer ponto de vista, ou seja, é o ponto de vista que se representa como não tendo um ponto de vista.” (CASTRO-GOMEZ *apud* GROSFOGUEL, 2010, p. 460). Esconde-se, então, por vias dos olhos de Deus no âmbito epistêmico a perspectiva local e concreta em detrimento a um suposto universalismo abstrato (GROSFOGUEL, 2010), estritamente homogeneizador e supressor das diferenças coloniais existentes no mundo.

Grosfoguel explicita, ainda, que de um ponto de vista histórico, a formulação de Descartes concedeu ao Homem ocidental (e o crítico se utiliza propositalmente da referência ao sexo masculino) o poder de *representar o seu saber como o único possível para aquilatar uma consciência universal* (GROSFOGUEL, 2010), assim como lhe possibilitaria, também, rechaçar e desconsiderar quaisquer conhecimentos não-modernos e não-ocidentais por se embasarem em caracteres particularistas e, por isso, incapazes de alcançar a universalidade (GROSFOGUEL, 2010) tão almejada pelas teorias eurocentradas hegemônicas.

Ainda no chancelar do questionamento exposto, Grosfoguel reitera que às Américas chegou o homem heterossexual, branco, patriarcal, cristão, militar e europeu com os seus construtos valorativos globais amalgamados nos já colonizados espaços e tempos (GROSFOGUEL, 2010). Dentre as hierarquias (im)postas, privilegiou-se os heterossexuais em detrimento aos homossexuais e às lésbicas e, nesse ínterim, o intelectual recorda que na constituição cultural dos povos originários americanos não se enxergava a sexualidade entre homens pela insígnia de “comportamento desviante-dissidente”, bem como a ideologia homofóbica não estava enraizada (GROSFOGUEL, 2010), tal qual se vê nos dias de hoje. Assim, questiono, ainda que sem as respostas conclusas, se, ao invés do homem europeu branco heterossexual vertido no sistema-mundo, esse se constituísse a partir da lógica da mulher transexual lésbica e negra?

Desse viés, compreendo que o patriarcado europeu e, por extensão, as conceituações hegemônicas ocidentais de sexualidade, epistemologia e espiritualidade

foram exportados (GROSFOGUEL, 2010) e hospedados, à revelia, nas margens, bordas e fronteiras do planeta no arcabouço genocida e epistemicida da expansão colonial e, quer queira quer não, seus legados ainda persistem nos dias atuais, como se pode ver pela gestão totalitária de Jair Bolsonaro. Na égide dessas exportações e hospedagens assimétricas e hierárquicas (im)postas a nós, ditos *anthropos*, não-modernos e sub-humanos, esses construtos ocidentais se transfiguraram nas categorizações hegemônicas que nos racializariam, classificariam e patologizariam (GROSFOGUEL, 2010) primeiro pelo desbravar do “Novo Mundo” pelos europeus e, tempos depois, pela ascensão do imperialismo capitalista norte-americano.

No contexto do capitalismo, Grosfoguel pontua que quando o evocamos, pensamos, em imediato, na área econômica. Todavia, o capitalismo se configura como uma das demasiadas *enredadas constelações da matriz de poder colonial do sistema-mundo patriarcal moderno europeu* (GROSFOGUEL, 2010). O porto-riquenho concebe que o capitalismo se enreda em múltiplas relações (assimétricas) de poder e que apenas destruir seus aspectos não seria suficiente para obliterar a totalidade do sistema. Para a promoção de transformações reais, há que se dismantelar o arcabouço histórico-estrutural heterogêneo conclamado de matriz de poder colonial (GROSFOGUEL, 2010). Desse modo, a possibilidade de descolonização/emancipação não pode se resumir à apenas uma esfera da vida social e, também, às relações desiguais de poder sexuais, de gênero, espirituais, epistêmicas, econômicas, políticas, linguísticas e raciais, conforme delinea Grosfoguel. Isso posto, no prisma dos epistemicídios acometidos pelo colonialismo e pelo capitalismo, o intelectual, mais uma vez, assente:

Nos últimos 510 anos do ‘sistema-mundo patriarcal/capitalista colonial/moderno europeu/euro-americano’, passámos [sic] do ‘cristianiza-te ou te dou um tiro’ do século XVI, para o ‘civiliza-te ou dou-te um tiro’ do século XIX, para o ‘desenvolve-te ou dou-te um tiro’ do século XX, para o recente ‘neoliberaliza-te ou dou-te um tiro’ dos finais do século XX e para o ‘democratiza-te ou dou-te um tiro’ do início do século XXI. [...] *Se a população não-europeia não aceita as condições da democracia liberal euro-americana, esta é imposta pela força em nome da civilização e do progresso.* (GROSFOGUEL, 2010, p. 482-483, grifos nossos).

No bojo da citação aposta, em especial, em relação ao trecho que versa sobre a imposição hegemônica pela força em nome da civilização e do progresso, entrevejo, atravessado pela discussão do epistemicídio incutido a nós não-modernos, a necessidade de trazer à tona a celeuma das teorias itinerantes que viajam dos centros

mundiais do planeta e se hospedam nas bordas do planeta *sub judice* à semelhança da justificativa vertida no fragmento supracitado. Assim sendo, Walter D. Mignolo concerne que há a necessidade de distinguir as *teorias pós-coloniais* das *teorizações pós-coloniais* – ou, como intente à minha argumentação, fronteiriças e pós-abissais no respaldo de Boaventura de Sousa Santos.

No que convém às primeiras, o crítico argentino as conclama de mercantilizações acadêmicas (tais quais as teorias pós-modernas), ao passo que as teorizações pós-coloniais são aquelas críticas incutidas na razão subalterna e na gnose liminar (MIGNOLO, 2003) amalgamando processos de pensamentos dos que vivem-sobrevivem sob o manto hegemônico da dominação colonial-imperial e, por isso, necessitam tecer empreendimentos a fim de negociar suas próprias vidas e condições subalternas (MIGNOLO, 2003). Dito isso, a teorização pós-colonial, arraigada à razão subalterna, pressupõe a possibilidade de co-existência ao colonialismo nas veredas de esforços angariadores de autonomia e libertação de todas as esferas da vida, economia, religião, língua, educação, memórias, espaços, desejos, afetos, saberes e sensibilidades não se restringindo aos espaços territorialistas academicistas (MIGNOLO, 2003).

Segundo Mignolo, é justamente a consciência no tocante ao (neo)colonialismo e percebo que, também, no plasmar de Santos e de Silviano, a (auto)reflexividade (SANTOS, 2019), que possibilitaram os horizontes de condições para a emergência da teorização pós-colonial (fronteiriça/pós-abissal) subalterna. Essa, por sua vez, promove o descentramento das práticas teóricas (MIGNOLO, 2003) no seio das políticas dos *loci* geostóricos enquanto a “teoria” (utilizada entre aspas pelo argentino) torna-se necessária para diferenciarmos um saber oriundo dos legados hegemônicos das ciências sociais, linguística, semiótica etc. (MIGNOLO, 2003) daqueles advindos de práticas corpo-*corpus*-(auto)conscientes-reflexivas (Mignolo + Santos, ressalvadas as diferenças) e críticas na academia.

À revelia do que o epistemicídio ocidental moderno colonial e imperialista vem destrinchando séculos a fio, *a teoria está onde se pode encontrá-la, não existe local epistemológico e/ou geográfico que detenha os direitos de propriedade sobre as práticas e os saberes teóricos* (MIGNOLO, 2003). Em linhas gerais, ela emerge de *todos os loci*, indivíduos, sensibilidades, gêneros, sexualidades, etnicidades, raças, desejos, afetos, emoções, faltas, ausências, culturas e, nem sempre, pelo que seja aproximável ou assemelhado, mas, sobretudo, pelo que mais a *diversaliza* pelo imbricar das diferenças coloniais que a atravessa de forma latente e pulsante. À baila de Mignolo, compreendo que o preconceito e o rechaço a essa premissa é o fundamento básico da crença

generalizada de que as pessoas intrínsecas ao coração do império são as únicas dotadas de competências para pensar/produzir teoricamente (MIGNOLO, 2003).

Esse intento aquilata e fomenta a percepção eurocentrada e epistemicida de que refletir de maneira epistêmica é *a prática universal da razão moderna* (MIGNOLO, 2003) e, por óbvia consequência, ainda que necessária de ser reiterada, apenas dos ditos “reais modernos”. Pelo pluriverso, as epistemologias fronteiriças, pós-abissais e descoloniais angariam o desatar desses nós contaminados pelos legados coloniais e imperialistas por excelência. Ainda nessa esfera, a monotopia aquilatada no ideal epistemológico do Ocidente se vale da distribuição ideológica do saber nas ciências humanas/sociais (MIGNOLO, 2003) *pari passu* às divisões geopolíticas do mundo em Primeiro, Segundo e Terceiro Mundos, tal qual pontua Mignolo. A razão subalterna, entremeada à teorização pós-colonial (nos termos do argentino), deslinda a mudança do terreno epistêmico no que convém à fundação da razão e lógica modernas enquanto exercícios cognitivos, políticos e teóricos. Nesse cenário das teorias mercantilizadas viajantes e *aportadas* (o uso dessa palavra é proposital e paralela às “grandes navegações”) nas bordas, fronteiras, margens e, em especial, nos meus/nossos trópicos, o autor de *Histórias locais/projetos globais* corrobora:

Ouvi dizer que as teorias viajam, e quando chegam aos lugares, são transformadas, transculturadas. Mas o que acontece quando as teorias viajam através da diferença colonial? Como são transculturadas? *Também ouvi dizer que, quando as teorias chegam a lugares onde os legados coloniais ainda estão nas memórias dos estudiosos e intelectuais, as teorias itinerantes podem ser percebidas como novas formas de colonização [...]* (MIGNOLO, 2003, p. 240, grifos nossos).

Compreendo, portanto, as dimensões das teorias itinerantes hospedadas, à revelia, nas periferias, pelo enredamentos das novas formas de colonialismos que grassam no planeta direcionadas, unilateralmente, das regiões centro-ocidentais, modernas e altamente monotópicas às regiões compreendidas, geopolítico-epistemicamente, pela insígnia de terceiro-mundistas, não-modernos, ignorantes e, à semelhança do que delineei a partir de Silviano, de tábuas rasas (SANTIAGO, 2014) prontificadas a aceitar, incorporar e replicar os saberes *quase sagrados/santificados* (SANTIAGO, 2014) detentores do suposto progresso, desenvolvimento e cientificismo advindos do Ocidente moderno. Para o argentino, as teorias, certamente, viajam em todas as direções, todavia, a questão a se colocar em cena é justamente o fato de que algumas não estavam/estão viajando permanecendo em casa e enraizadas (MIGNOLO,

2003) não apenas em um lócus geostórico particular e, sim, em línguas, sensibilidades e cosmologias *outras*.

Dessa perspectiva, o pensamento liminar (MIGNOLO, 2003), e não a teoria, é a configuração que se coloca em cena, posto que refletir a partir de uma visada liminar é o procedimento latente das epistemologias sul-fronteiriças e pós-abissais. É, sobremaneira, com base na (auto)consciência-reflexividade das/nas diferenças coloniais que as teorizações *outras* emergem, nada menos que isso. Quando as teorias não viajam e permanecem enraizadas em suas próprias casas, segundo Mignolo, fomenta-se o processo assimétrico o qual as diferenças coloniais se tornam invisíveis (MIGNOLO, 2003) perante as *epistemes* dominantes, hegemônicas e universais. Essas, por sua vez, têm passaporte internacional (MIGNOLO, 2003) para transitar e itinerar entre quaisquer *loci* desconsiderando as latências *diversais*-coloniais que fundamentam os povos e lugares da exterioridade, sub-humanizados e não-modernos.

Para o argentino, *há sempre razões que explicam o porquê de as coisas serem como são e não de outra forma* (MIGNOLO, 2003). Nessa lógica, as teorias amalgamadas pela insígnia da subalternidade não viajam, ou, também, não vão tão longe (MIGNOLO, 2003) quanto as oriundas das razões modernas ocidentais. Dito isso, questiono-me: quão longe os textos escrevíveis de Silviano, sejam os literários ou ensaístas, viajaram (as)simetricamente comparados aos do Norte? Há uma relação de subalternidade imbricada no seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* emergido a partir da geopolítica-epistemológica dos trópicos da América Latina e das terras tupiniquins? Para mim, dada a articulação bordejada até aqui, a resposta é objetiva e reside, sobremaneira, no imbricar do epistemicídio atribuído a nós, não-modernos e aos nossos indígenas, afrodescendentes, mulheres dentre muitos outros.

Na contracorrente à hegemonia epistêmica da razão/lógica colonial moderna-imperial, as (supostas) teorias viajantes (se é que elas realmente viajam) sul-fronteiriças, tais como as minhas e as de Silviano, carregam as marcas das diferenças coloniais homossexuais, terceiro-mundistas, sub-desenvolvidas circunscritas em seu arcabouço constituinte (MIGNOLO, 2003) no plasmar das sensibilidades, corpos, *bios*, especificidades, traços geostóricos, ancestralidades e cosmologias *outras* que são invisibilizadas quando se roçam às advindas do Norte global. Por isso, Mignolo pontua que se as teorias viajam e sofrem transculturação (ou aculturação e hospedagem à revelia) faz-se necessário especificar, em termos históricos, *de onde parte de para onde vão, como viajam, como chegam à transculturação, além da linguagem na qual são fabricadas, acondicionadas e transculturadas* (MIGNOLO, 2003). No chancelar desses

questionamentos, esbarra-se, sobremaneira, nos “desconfortos” quase inescapáveis da colonialidade do poder e da diferença colonial em tais viagens epistemológicas (MIGNOLO, 2003).

Portanto, nesse cenário de itinerâncias, não só as teorias viajam, mas, além delas, os intelectuais que as produzem (MIGNOLO, 2003). E não há como desconsiderar esse fato no contexto das produções de saberes. Segundo Silviano, “[...] O mundo, ele existe entre. [...] *Eu estava tendo a experiência do entre-lugar, indo de um lugar para o outro.* Então começo a ter essa visão da diferença [...]” (SANTIAGO, 2016, p. 15, grifos nossos). Dado o fragmento supracitado, meu mineiro ilustra de maneira plena minha argumentação, na medida em que sua condição andarilha e (trans)fronteiriças de vivência empírico-intelectual se assentou, por excelência, na injunção de viver entre-fronteiras. Do interior de Minas Gerais em Formiga, a Belo Horizonte, a Paris, a Albuquerque nos Estados Unidos e, enfim, ao Rio de Janeiro, Silviano experienciou tanto no corpo quanto no *corpus* a premissa itinerante. Como ele mesmo pontou, isso influenciou diretamente sua sensibilidade de mundo para enxergá-lo pela égide da diferença (derridiana) e, da minha óptica, em maior ou menor grau, (des)colonial.

Referências

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.).

Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010, p. 455-491.

MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa. Prefácio. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010a, p. 11-13.

MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010b, p. 15-27.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SANTIAGO, Silvano. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo. 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/09/1511606-a-literatura-brasileira-a-luz-do-pos-colonialismo.shtml>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

SANTIAGO, Silvano. Luminosidades do observador. 2016. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5esanteriores/77-capa/1651-luminosidades-do-observador.html>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.